

Minimizadores nas crónicas de Fernão Lopes e Zurara

Mário José Silva Meleiro
Escola Superior de Educação da Guarda

1. Introdução

Ao longo dos anos a investigação no campo da sintaxe histórica foi crescendo consideravelmente. Muito se deve este progresso a nomes como os de Said Ali, Joseph Huber e Rosa Virgínia Mattos e Silva.

No entanto, sabemos que a mudança sintáctica raramente é tida em conta para efeitos de periodização da História da Língua Portuguesa. É pertinente, pois, a questão formulada por Ana Maria Martins: “Será que a sintaxe do Português (...) mudou pouco entre os alvares do período histórico e os nossos dias?” (Martins, 2002:252). A resposta parece ser negativa, sobretudo quando se compara o português antigo com o português contemporâneo.

Mas o objectivo deste artigo não é averiguar as mudanças sintácticas entre períodos tão distantes. É antes o de identificar os *minimizadores* utilizados no século XV e verificar o seu comportamento sintáctico em confronto com o comportamento sintáctico das palavras negativas. Um objectivo secundário será ainda verificar que a utilização destes minimizadores sofre evolução ao longo dos tempos, pelo que se nota o desaparecimento de alguns e o aparecimento de outros, característica de uma língua viva, sempre em mutação.

A base de trabalho é a prosa literária do século XV, mais precisamente a *Crónica de D. Fernando*, de Fernão Lopes (CDF)¹, e a *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses*, de Gomes Eanes de Zurara (CDPM)², embora por vezes haja necessidade de recorrer a outros textos para exemplificar alguns passos.

Os minimizadores são elementos que denotam uma quantidade ou extensão mínimas, podendo também denotar alguma coisa considerada pequena ou de pouco valor. De acordo com Horn (1989: 400), quando estes elementos ocorrem em contextos negativos “the negation denotes the absence of a minimal quantity, and hence the presence of no quantity at all”.³ Os minimizadores são, então, unidades lexicais que, tendo no contexto apropriado um significado negativo, não têm, no entanto, marcas negativas explícitas, pelo que não podem prescindir nunca de uma outra marca expressa de negação.

¹ Sigo a edição crítica de Giuliano Macchi, IN-CM, 2004.

² Sigo a edição crítica de Maria Teresa Brocardo, FCG-JNICT, 1997.

³ Menos frequentemente, os itens de polaridade negativa que aqui incluiremos entre os minimizadores podem denotar dois pontos extremos de uma escala: assim, por exemplo, *nem grande nem pequeno* ou *nem muito nem pouco* (cf. a secção 3 deste artigo). Veja-se igualmente Hoeksema (2001).

Pelo contrário, as palavras negativas, que são capazes de expressar negação por si sós, tais como os pronomes indefinidos *ninguém, nenhum, nada* e os advérbios de negação *nunca e jamais*, possuem um significado negativo inerente⁴, em virtude do qual só podem aparecer em frases de significado também negativo, ou seja, em contextos negativos.

Procurarei apresentar num primeiro ponto uma breve referência às formas de negação no português antigo, mais precisamente à utilização dos marcadores de negação (*não, nem, sem*), das palavras negativas (*nenhum, ninguém, nada, jamais, nunca*), do indefinido *algum* em contextos negativos e dos próprios minimizadores. Para o final ficará a comparação entre o comportamento sintáctico dos minimizadores e o das palavras negativas.

2. A negação no português antigo

Entende-se por negação um “conjunto de procedimentos gramaticais utilizados para levar a cabo o acto de negar” (Bosque, 1999:2563). Estes procedimentos ocorrem normalmente com recurso aos marcadores de negação e às palavras negativas. Estas unidades negativas além de assegurarem a negação frásica, podem negar outros constituintes menores, como os sintagmas ou as próprias palavras. Neste último caso, o procedimento morfológico recorre-se dos prefixos negativos. Não é, portanto, este tipo de negação, que afecta única e exclusivamente a unidade lexical, sem transformar em negativa a frase onde está incluída, que será objecto de análise, embora o marcador de negação *não* possa figurar nesta condição. Procurarei abordar a utilização dos marcadores de negação nas duas obras em questão, se bem que de uma forma não exaustiva. Essa tarefa ficará para a utilização das palavras negativas e sobretudo para a utilização de minimizadores.

2.1. Marcadores de negação

Relativamente aos marcadores de negação – *não, nem e sem* – eles ocorrem com regularidade nas duas crónicas.

Não

O marcador de negação *não* é, sem dúvida, o mais generalizado. Sendo o marcador típico da negação frásica, como em (1) e (2),

- (1) porquanto el-rrei de Castella non quisera
logo viir aa batalha,
(CDF:533,17-18)⁵

⁴ Em posição pré-verbal as palavras negativas dispensam a presença de um marcador de negação preposicional (i.e. *não, nem, sem*). Necessitam, no entanto, da ocorrência de um marcador de negação quando surgem em posição pós-verbal. Cf. Martins (2000, 2002).

⁵ Todas as localizações são feitas pela edição crítica de Giuliano Macchi (cf. supra nota 1). Será sempre indicada a sigla (CDF), seguida da página e da(s) linha(s).

- (2) eu não
 quero a vos dezer quaes seram vossos gallardões depois de
 tamanho serviço.
 (CDPM:208,843-845)⁶
não pode ocorrer também em contextos de negação sintagmática ou de
 constituintes, como em (3) e (4),
- (3) Avia outrossi mais em Lixboa
 estantes de muitas terras, nom em hũa soo casa, mas muitas
 casas de hũa naçom,
 (CDF:6,89-91)
- (4) e
 depois, tornados a sua terra, não como gemte vemçida ñ fugida,
 mas como quem lleyxa a terra que lhe nom praz com tais prey-
 tesyas e posturas como elles quyseram, se tornarã a pessuyr o
 senhorio que damte aviam.
 (CDPM:217,54-58)

Nem

O marcador de negação *nem* é utilizado, quer na coordenação de frases, como se verifica em (5) e (6),

- (5) ñhũu no mundo vivera mais ledo nem gastara seus dias
 em tanto prazer:
 (CDF:4,32-33)
- (6) pera a sallvação
 dos quais ñ tynha em comta nenhũa rriqueza nem thesouro,
nem rreçeva de dar hũ mouro de gramde rredymção por hũ
 muito pobre cristão como lhe fosse rrequerido,
 (CDPM:182-183,216-219)
 quer na coordenação de sintagmas, em (7) e (8),
- (7) Nenhũus senhores nem fidalgos nem crerigos
nem outras pessoas poderosas consentia que comprassem
 nenhũuas mercadarias pera rrevender,
 (CDF:7,130-132)
- (8) não leyxando neste mundo nenhũu filho
nem filha,
 (CDPM:718,1144-1145)

⁶ Todas as localizações são feitas pela edição crítica de Maria Teresa Brocardo (cf. supra nota 1). Será sempre indicada a sigla (CDPM), seguida da página e da(s) linha(s).

Sem

O marcador de negação *sem* pode ocorrer como um afixo de negação, negando a palavra, como mostram as frases (9) e (10),

- (9) D'outra parte el-rrei dom Fernando de Portugall
era mui queixoso d'el-rrei d'Aragom pollos danos e sem-rra-
zoões que d'ell avia rrecebidos ataa estonces.
(CDF:326,28-30)
- (10) E nõ hera sem rrazão de o elle
e os outros que estavam na serra assy cuydarẽ.
(CDPM:270,238-239)
ou como preposição negativa, negando o sintagma, como em (11) e (12),
- (11) e disse que nom
quiria poer a batalha salvo em-na praça chãa sem vantagem
nẽhũa.
(CDF:33,11-13)
- (12) porque a gemte da peble nõ saisse d'Aljazira sem hordenamça
de capitão.
(CDPM:229,355-356)

Pode também ocorrer como complementador negativo, sobretudo na introdução de frases substantivas gerundivas, visível em (13) e (14),

- (13) E porém nõhũ podia creer
que el-rrei dom Fernando soffresse sua viinda tam longe
pello rreino, entanto que pellas villas e logares per hu el-rrei
dom Henrique viinha assi estavom as gentes deseguradas por
esta rrazom que nõhũs se percebiam de sse guardar nem
poer o seu em salvo, de guisa que achavom os homẽes
folgando e ceando, sem teendo nõhũa cousa guardada do
seu;
(CDF:257,11-18)
- (14) E por agora tornemos ao feito dos mouros que temos amtre
maãos, os quaes amdarão assy em suas voltas sem fazemdo cousa
çerta, ataa que o sol permeyou o dia, em que fezerão ymfimta
de quererem todos juntamemte viir sobre a çidade.
(CDPM:317,366-369)
ou substantivas infinitivas, em (15) e (16),
- (15) e estonce cuidou
el-rrei outra arte per que saisse de seu poder sem lhe dar
nẽhũa cousa.
(CDF:20,27-29)

- (16) Dom Fernando seguyo o comde quãto pôde,
mas porque em taes feitos nõ se pode guardar companhia, porque
cada hũ se quer aproveitar do tempo, chegamdo dom Fernando
açima do Canaveall hera assy metido amtre os mouros, e o cavallo
tam camzado, que se parou quedo sê all poder fazer de sy.
(CDPM:649,473-477)

Sobre esta construção em particular, é de realçar que na utilização do marcador de negação *sem*, verifica-se uma clara diferença por parte dos dois cronistas. Enquanto em Lopes, das 6 construções, 5 são com gerúndio, em Zurara, onde também ocorre 6 vezes, apenas 1 é que recorre a esta forma nominal. Parece pois haver algumas alterações na língua, mais do que uma preferência do autor.

Este marcador de negação admite, no entanto, a co-ocorrência com um outro marcador, mais precisamente com *não*, produzindo neste caso a sequência *não sem* uma dupla negação, que resulta no seu cancelamento, pelo que a interpretação é positiva. Os exemplos (17) e (18) são disso elucidativos. Tal procedimento regista uma maior ocorrência na *Crónica de Dom Pedro de Meneses* de Zurara, como se pode ver através do número de exemplos que foi encontrado,

- (17) rrecrecerom tantos
dos seus em ajuda d'aquella escaramuça que per força feze-
rom rrecolher os da cidade dentro, nom sem gram perriigo
de que escaparam;
(CDF:269,12-15)⁷
- (18) E de tall guisa feriam
os mouros, que per força rromperom a çillada e os fezerom ficar
atras, nõ sem grande espargimemto de sangue daquelles
ymfices.
(CDPM:234,477-480)⁸

2.2. Palavras negativas

O acto de negar não ocorre, contudo, unicamente com recurso aos marcadores de negação. Existem também outras palavras que possuem um significado negativo inerente, em virtude do qual só podem aparecer em frases de significado também negativo, ou seja, em contextos negativos⁹. Mas também aqui se verifica uma evolução

⁷ Cf. outros exemplos (CDF:395,4), (CDF:491,19), (CDF:551,124-125), (CDF:596,92).

⁸ Cf. outros exemplos (CDPM:236,522), (CDPM:252,85), (CDPM:308,139), (CDPM:308,155), (CDPM:342,979), (CDPM:416,719), (CDPM:429,1047), (CDPM:435,1176), (CDPM:436,1192), (CDPM:472,702-703), (CDPM:485,1040), (CDPM:505,443), (CDPM:479,876), (CDPM:520,808), (CDPM:257,984), (CDPM:257,1005), (CDPM:531,1101).

⁹ Esta polaridade negativa pode ser indicada, então, por palavras negativas, sendo estas capazes de expressar negação por si sós, como é o caso dos pronomes indefinidos *ninguém*, *nenhum*, *nada* e dos advérbios de negação *jamais* e *nunca*, quando precedem o verbo.

sintáctica da língua. Se a afirmação é válida para o português contemporâneo, ela não é tão linearmente para o português antigo, onde os indefinidos negativos podiam ocorrer com valor positivo¹⁰. É que nesta primeira fase da língua as palavras negativas muito raramente expressavam negação por si sós, mas antes em co-ocorrência com um marcador de negação. De salientar que a *concordância negativa* entre palavra negativa e marcador de negação, possivelmente obrigatório no proto-romance, é uma característica usual, mas não obrigatória, no português antigo, que vem perdendo a sua utilização à medida que a língua evolui, chegando ao ponto de não se aceitar no português contemporâneo, quando as palavras negativas são pré-verbais, o que mais uma vez vem provar a mudança sintáctica da língua (vd. Martins 2000, 2002). A co-ocorrência entre palavra negativa e marcador de negação, que está atestada desde o início da produção escrita em português, parece ser no XV que começa a perder algum fulgor¹¹, apesar de se continuarem a verificar algumas ocorrências em escritores quinhentistas (Martins, 2002:274).

No português antigo, esta concordância negativa pode, então, assumir diferentes formas, entre palavras negativas e marcadores de negação, tais como as registadas nas crónicas em análise¹²: *jamais ... não* (19); *nenhum(a) não* (20) e (21); *ninguém não* (22); *nada nõ* (23).

jamais ... não¹³

(19) E per aazo de taes conselhos, jamais o iffante nom perdeo
cuidado de casar com sua sobrinha
(CDF:363,72-73)¹⁴

nenhum(a) não

(20) e nẽhũu nom foi perant'elle
(CDF:393,53)¹⁵

Estas mesmas palavras negativas necessitam de um marcador de negação quando ocorrem em posição pós-verbal, como se pode verificar no exemplo seguinte:
*e Gonçallo Meendez, que era fronteiro, defendia que nom
sahisse nẽhũu fora, ca el-rrei nom lhe mandara outra cousa
se nom que guardasse mui bem a cidade;*
(CDF:475,19-21)

¹⁰ Cf. infra nota 23.

¹¹ Não deixa de ser interessante o facto de na seguinte frase de Zurara: "que jamais ousamos volver rrosto comtra vos," não ocorrer concordância negativa quando na respectiva nota do aparato crítico se verifica a sua utilização no códice G:

*que jamais
nũ ousamos volver rrosto comtra vos,*
(CDPM:651,516-517 / nota 121)

¹² Para cada forma apresento apenas um exemplo de cada autor, remetendo os outros para nota de rodapé.

¹³ Na *Crónica de Dom Pedro de Meneses* de Zurara aparece apenas registado numa variante do códice G (Cf. supra nota 11), se bem que numa estrutura em que as duas palavras vêm seguidas, sem qualquer elemento a separá-las, como acontece neste caso.

¹⁴ Cf. também (CDF:486,83).

- (21) E preguntou que hera delles e
nenhū nãq lho soube dezer,
 (CDPM:385,993-994)¹⁶
- ninguém nãq**¹⁷
- (22) «Mas venhamos aa enliçom, disse elle, enquanto nos nenguem
nom torva,
 (CDF:388,92-93)
- nada nãq**¹⁸
- (23) mas
 que nã descubriřẽ mais que ate atallaya e, posto que nada
nã viřẽ, que tornassẽ a elle,
 (CDPM:338-339,902-904)

Além da associação destas formas, a concordância negativa pode também estabelecer-se entre dois marcadores de negação, como é o caso de *nem ... nãq* (24) e (25), ou mesmo entre duas palavras negativas em sequência, verificando-se um reforço da própria palavra por uma outra de significado equivalente, como em *jamais nunca* (26);

- nem ... nãq**
- (24) «No quall termo o dito dom Fernando nem os
 outros nom saïrom do rreino de Portugall,
 (CDF:294,41-42)¹⁹
- (25) nẽ o bõo d' Affonso Garcia nã
 ficou sem parte daquella devisa,
 (CDPM:308,145-146)²⁰
- jamais nunca**²¹
- (26) pemsavã que jamais nunca aviam de tornar ao rregno,
 (CDPM:210,909)²²

¹⁵ Cf. também (CDF:7,125-127), (CDF:304,49-50), (CDF:315,139-142), (CDF:411,61-63), (CDF:476,33-34), (CDF:492,25-27), (CDF:501,8-9), (CDF:504,51-52), (CDF:551,124-125).

¹⁶ Cf. também (CDPM:230,374), (CDPM:301,1302-1303), (CDPM:313,265), (CDPM:510,565), (CDPM:577,1094-1095), (CDPM:588,181), (CDPM:647,396).

¹⁷ Sem ocorrência na *Crónica de Dom Pedro de Meneses de Zurara*.

¹⁸ Sem ocorrência na *Crónica de Dom Fernando de Fernão Lopes*.

¹⁹ Cf. também (CDF:362,23-25).

²⁰ Cf. também (CDPM:191,416-417), (CDPM:218,85), (CDPM: 521,844-845).

²¹ Sem ocorrência na *Crónica de Dom Fernando de Fernão Lopes*.

²² Cf. também (CDPM:584,84).

2.3. Indefinido 'algum' em contexto negativo

No que diz respeito à utilização do indefinido *algum*, ele pode adquirir valor negativo²³ quando em posição pós-nominal. Ocorre algumas vezes quer em Lopes (27), quer em Zurara (28), se bem que com maior incidência no primeiro.

- (27) E porém nunca el-rrei hia vez algũa aa caça que sempre em ella nom houvesse grande sabor e desenfadamento.
(CDF:5,63-64)²⁴
- (28) E emtão temtarãa porta e ouverã maneira como foy aberta, e desy ãtrarão pella casa muyto maravilhados, porque nella não viram cousa allgũa, caa somente acharão hũa pouca de palha e hũ allquyçe velho em que se emburylhara allgũas noytes amtes que partysse.
(CDPM:251,63-68)²⁵

Segundo Gabriela Matos (in Mateus, 2003:773), o indefinido *algum(a)*, no português contemporâneo, surge com valor negativo em posição pós-nominal, "e exclusivamente nesta posição". Tal procedimento não se verifica no português antigo²⁶, como se pode constatar nos seguintes exemplos de Lopes (29) e Zurara (30),

- (29) e elles, que viinham muito desegurados a seu prazer, ledos com gram rroubo, sem algũu temor,
(CDF:478,35-37)
- (30) Oo! Nobre cavaleiro, diz o autor, e animo de muy grande barão! Por çerto bem digno deve ser o teu nome de tall emcarrego, ao quall não abastava querer-se defemder dos ymigos, sendo em meo de sua terra, mas aynda offemde-llos, des-terrando-os per sua força, sem allgũ temor nẽ espamto de força nẽ poder que tevesse.
(CDPM:260,282-287)²⁷

²³ Também no português medieval os indefinidos negativos podiam ocorrer com valor positivo, como se pode verificar no seguinte exemplo:

Nom
consentia que nẽhũ senhor nem fidalgo nem outra pessoa
coutasse em bairro em que pousasse nẽhũ malfeitor,
(CDF:8,157-159)

²⁴ Cf. também (CDF:269,15-17), (CDF:295,58-59), (CDF:336,41-43), (CDF:411,61-63), (CDF:481,11-12), (CDF:566,26-28), (CDF:585,19-23).

²⁵ As outras ocorrências com valor negativo não são em posição pós-nominal. Cf. (CDPM:221,158-159), (CDPM:251,53), (CDPM:354,244), (CDPM:502,348).

²⁶ Sobre este assunto cf. também (Martins 2002:284).

²⁷ Cf. também (CDPM:637,169-171),

Ainda sobre a utilização do indefinido *algum*, refere Cristina López (in Bosque, 1999:2597) que, de facto, ele “puede actuar como palabra negativa cuando aparece dentro del ámbito de la negación, pospuesta al nombre, y obligatoriamente en singular.” Menciona, no entanto, em nota de rodapé, que, segundo Llorens²⁸, em castelhano medieval era possível a utilização de *algum* no plural com valor negativo. Nas Crónicas em análise não se verifica esta situação, donde não se deve depreender que a sua utilização não esteja atestada no português antigo.

2.4. Minimizadores

Uma outra forma de negar é com o recurso a palavras que, não sendo em si mesmas negativas, passam a ter significado negativo, sempre que se recorrer a uma marca explícita de negação que as acompanhe, ao contrário do que sucede com as palavras propriamente negativas. Esta marca de negação é sempre pré-verbal, ainda que os minimizadores possam também, em determinados casos, preceder o verbo, ficando assim contíguos ao elemento negativo com o qual co-ocorrem²⁹. Esta marca explícita de negação pré-verbal pode assumir várias formas, como os marcadores de negação *não*, *nem*³⁰ e *sem* e a palavra negativa *nunca*, e pode mesmo ser auxiliada por outra negação, como será abordado no ponto 4.

3. Minimizadores

Apresentarei neste ponto a lista completa dos minimizadores encontrados nas duas crónicas em análise. Alguns deles encontram-se registados quer em Fernão Lopes, quer em Zurara, tais como³¹ *all* (31) e (32); *cousa* (33) e (34); *homem* (35) e (36); *palavra* (37) e (38); *parte* (39) e (40); *pessoa* (41) e (42); *tall* (43) e (44).

(31) E pesava muito a todollos portugueeses, assi fidallgos
come comũ poboo, com taaes conveenças da sucessom do
rregno, por aazo da doença d'el-rrei, teendo que per taaes
trautos se Portugall vendia; mas **nom podiam all fazer**, por
obedeecer a mandado de seu senhor.
(CDF:589-590,24-28)

(32) E creo que, se nos Deus com
elles der vitoria que os hũa vez bem escarmementaremos, elles se

²⁸ Eduardo L. Llorens (1929). *La negación en el español antiguo con referencia a otros idiomas*. Madrid: José Molina. O exemplo apresentado, retirado de Llorens, é o seguinte:
Non consentades a alguno o algunos que tomen ninguna cosa
[Doc. Ling. I, 231, 44] (Llorens 1929: 96)

²⁹ Cf. infra exemplo (54).

³⁰ Na Crónica de Zurara, não encontrei este marcador a funcionar como marca explícita de negação na construção dos minimizadores.

³¹ Para cada minimizador encontrado apenas se apresenta um exemplo de cada autor. A lista completa das ocorrências pode ser solicitada para mario.meleiro@netvisao.pt.

- hiram afastando e nos daram lugar pera sahyrmos per sua terra como por nossa propia herdade, porque doutra guysa **nunca all fariamos** todo ho dia senõ estarmos com elles em rrebates.
(CDPM:231,395-399)
- (33) Em esto gastava-sse o tempo **sem fazer cousa** que serviço d'el-rrei fosse;
(CDF:171,62-63)
- (34) E por agora tornemos ao feito dos mouros que temos amtre maãos, os quaes amdarão assy em suas voltas **sem fazendo cousa** certa, ataa que o sol permeyou o dia, em que fezerão ymfimta de quererem todos jmtamente viir sobre a çidade.
(CDPM:317,366-369)
- (35) Era cavallgante e torneador, grande justador e lançador a tavollado; era muito braceiro, que **nom achava homem** que o mais fosse;
(CDF:3,15-17)
- (36) E ganhada a calla, lamçarã fora homze homês, os quaes filharam primeiramente a atallaya e, llamçados no caminho, jouverã ally todo o dia, que **nunca se açertou passar por ally nenhõ homem**, soomente que vyrã passar per outro caminho ate XX mouros e mouras.
(CDPM:344,9-13)
- (37) E esto foi muito per o con- traíro, ca eles **nunca lhe disserom nem mandarom dizer pallavra** d'ameaça nem medrosa;
(CDF:396,31-33)
- (38) O comde hera demtro na ygreja, e sayu pera fora, e tomou hũ lugar allto comvinhavell pera ser visto de todos, e desy allegrou sua cara, e ante que fallasse começou muy graçiosamente de lamçar os olhos per todos duas ou tres vezes, sobressendo hũ pouco **sem fallar pallavra**, porque as gêtes rreçebessem melhor o emtemto de suas rrazões.
(CDPM:458,374-380)
- (39) Primeiramente foi posto antre as outras cousas hũu capitullo, de que os ingreses **nom souberom parte**,
(CDF:535,60-61)
- (40) E hũa noite, **sem allgũ dello saber parte**, se foy pera o rregno de Murçia, que hymda emtão hera de mouros. E pemsamdo os vezinhos que elle seria negociamdo em outra cousa, nõ emtemderã ã sua partyda.
(CDPM:251,53-56)
- (41) Era muito graada e liberall a quaaesquer que lhe pediam, entanto que **nunca a ella chegou pessoa** por lhe demandar

- mercee que d'ant'ella partisse com vãa esperança
(CDF:229-230,73-75)
- (42) E porque
o sol hera jaa posto quamdo chegaram a barra e hera
sobre a jusante, não ousaram emtrar, porque **não llevavam**
pessoa que soubesse a somda do porto.
(CDPM:401-402,366-369)
- (43) e ja os emmiigos andavom pellos termos da villa e ainda
o nom criiam, e assi rroubavom e cativavom muitos d'elles,
sem achando tall que lh'o de todo embargar podesse.
(CDF:257,18-20)
- (44) E ouvindo a outra gemte mamçeba aquellas pallavras, **não ouve**
hy tall que nõ se ofreçesse pera aquella hyda.
(CDPM:705,843-844)

Outros ocorrem apenas em Lopes, como é o caso de *uma fala* (45) e outros ainda apenas em Zurara, tais como *grande nem pequeno* (46), *sombra* (47) e *synal* (48).

- (45) ante lhe
forom todos tam escasos que el nunca a abraçou nem beijou
nem se chegou a ella pouco nem muito, nem a tocou com
o pee nem com a mão, **nem lhe fallou tam sol hũa falla**
n'aquella noite nem pella manhã, nem ella a ell isso meesmo,
nem nunca lhe chamou condessa em jogo nem em siso,
nem comeo com ella a hũa mesa;
(CDF:337,65-71)
- (46) – E avysae-vos – disse elle – **que nom perdoeis a**
grande nẽ a pequeno tamto que se queira poer ã allgũa seme-
lhamça de defemsão.
(CDPM:281,808-810)
- (47) Os nossos, ã
sua parte, se achavã tam despejados, que nẽ aquelles mouros
que ally herã, nẽ todolos do mundo **nõ lhe podiam fazer sombra**
de temor. E assy foy hũ forte cõbate em aquella menhã, amte
que os navios parecessẽ.
(CDPM:512,618-622)
- (48) Mas o comde, quamdo vio os mouros que
vinhã assy, mamdou fazer as trombetas synall de sahyda e foy
dar onde os mouros vinhã apo'los cristãos, os quaes teverã rrosto
como homẽs que emtemdiã de mostrar a seus ymigos que nõ
herã pera se arramcarẽ do campo assy de ligeiro. E emvollver-
se todos, **nõ mostramdo hũs aos outros synall de temor**.
(CDPM:679,171-176)

De salientar é que todos estes minimizadores ocorrem com outros valores fora dos contextos negativos, o que não os torna palavras gramaticalizadas enquanto itens de polaridade negativa, como se pode verificar nos exemplos³² (49) e (50).

- (49) E logo a poucos dias se seguyo que aquellas fustas do comde tomarã hũa fusta d'Alcaçar, mas, porque a pelleja foy de pouca força, nõ curamos de allargar mais o feito com llongura de **palavras**.
(CDPM:579,1131-1134)
- (50) e el-rei dom Pedro avia mill e quinhentos de cavallo e seis mill homens de pee, assi que eram per todos noventa e oito mill e quinhentas **pessoas**.
(CDF:65,15-17)

Do conjunto de minimizadores apresentados, alguns já não têm ocorrência no português actual, como é o caso de *all*, *tall* ou *parte*. No entanto, também já no século XV não se verifica a utilização de alguns minimizadores, com ocorrência em vários textos anteriores, tais como *rem*³³, *ponto*³⁴, *palha*³⁵, ou *nemigalha*³⁶. Este aparecimento / desaparecimento, mais uma vez vem provar que o recurso a esta forma de negação se adapta ao vocabulário de cada estado da língua. Mesmo em épocas muito próximas e com textos semelhantes, como é aqui o caso, verifica-se que a utilização de minimizadores é diferente, ainda que em grau reduzido, por parte dos dois autores. Tendo por base os *corpora* informatizados, seria pertinente verificar a data das últimas ocorrências destes quatro minimizadores, tarefa que fica a reclamar a sua execução.

Relativamente à utilização sintáctica dos minimizadores, são vários os aspectos que merecem destaque, pelo que serão abordados no ponto seguinte, onde se fará o confronto com a utilização das palavras negativas.

³² Apenas se exemplifica este facto com dois casos, mas ele verifica-se com todos os outros minimizadores.

³³ A este respeito diz Said Ali (1971:115): "*Rem* com o mesmo sentido que o francês *rien* (...) já de todo desconhecido no tempo do cronista Fernão Lopes, dominou no período mais antigo da nossa língua e foi com predileção usado nos *Cancioneiros*, onde a cada passo se topam exemplos como os seguintes: (...). "*Non dou eu por tal en finia rem*" (*Cancioneiro D. Dinis*, 71)".

A título informativo, registo também este exemplo da Crónica Geral de Espanha (cap. CXCV, p.314): *E quando eu esto vy, pesoume muyto, ca son assaz temudo e honrrado per ella; e nõ soube rem que lhe dizer.*

³⁴ A título informativo, registo este exemplo da Crónica Troiana (cap. 194, p.184): *Ei quando veu que se aviã de partir, arreatou lle hũa luba da mão tã encubertamente que o nõ vio nõ entẽdeu nõgũ, nõ a ela nõ lle pesou nõ ponto.*

³⁵ A título informativo, registo este exemplo da Demanda do Santo Graal (2005:177): *Por quanto Boorz dizia, nom dava Lionel hũa palha, como homem que avia diaboos que lhe davam coraçom de matar seu irmão.*

³⁶ A título informativo, registo este exemplo da Crónica Geral de Espanha (cap. CCXXX, p.366): *E, a cabo de dous ãnos que nom chovera, sayo a Espanha o ryo de Barbat e comprio muyta terra, tam grande foy a chea, pero que nõ chovera nemigalha.*

4. Particularidades sintáticas dos minimizadores em confronto com as palavras negativas

Após a identificação dos minimizadores, alguns aspectos merecem destaque quando observamos o seu comportamento sintático face ao das palavras negativas.

Como se viu, os minimizadores co-ocorrem necessariamente com um marcador de negação ou uma palavra negativa, enquanto tal procedimento não se verifica com as palavras negativas, nomeadamente no português do século XV. Estas podem ocorrer isoladamente, porque expressam negação por si sós; podem também ocorrer acompanhadas de um marcador de negação ou mesmo outra palavra negativa que as reforça, ficando então em concordância negativa.

Considerando o total das ocorrências registadas dos minimizadores, parece existir uma ordem a que se pode chamar de normal, e também a mais utilizada na sua construção, ou seja marcador de negação/palavra negativa (MN/PN) + verbo (V) + minimizador (M), portanto uma clara ordem VO, como o comprova o exemplo (51).

- (51) Era cavallgante e torneador, grande justador e
lançador a tavollado; era muito braceiro, que **nom achava**
homem que o mais fosse;
(CDF:3,15-17)

Porém, esta ordem é algumas vezes alterada para OV, variante permitida pelo português antigo, em orações subordinadas. Assim, vamos encontrar construções em que o destaque vai para o minimizador, do tipo M + MN + V, mas com a particularidade do marcador de negação ser sempre *não*, como exemplificado em (52) e (53).

- (52) E começou-sse esta
pelleja a horas de vespora, e durou ataa cerca da noite, na
quall foram d'hūua parte e d'outra muitos feridos e poucos
mortos, e as gallees de Portugall desbaratadas todas salvo a
gallee em que hia Gijll Lourenço do Porto, que nom quis
chegar quando esto vio, e fogio pera Lixboa dando novas aas
naaos, que d'isto **parte nom sabiam**, que sse tornassem e nom
fossem allá;
(CDF:444,39-46)³⁷
- (53) – Ora pois, – deziã elles – por que quebrantaremos
nos o que cõ tanto trabalho ganhamos? Caa pode ser
que Deus obrará em nos com ha sua mysyricordia e tornar-
-nos-ha a posse de nossa çidade, a quall, ymda que **all nō fosse**,

³⁷ (CDF:521,80-84). Repare-se que este mesmo minimizador ocorre na construção normal, ou seja VO:

*e esta vida continuou
com ella, de que el-rrei nom sabia parte, enquanto esteve
em Burgos e em Pallença, que seeriam ataa dous meses.*
(CDF:337,73-75)

he tam longe do rregno de Portugall, que estes cristãos a não
poderam largamête manter.
(CDPM:226,272-277)³⁸

Ou do tipo MN + M + V, mas com a particularidade do marcador de negação ser sempre *sem*, como em (54),

- (54) Dom Fernando seguio o comde quão pôde,
mas porque em taes feitos nõ se pode guardar companhia, porque
cada hũ se quer aproveitar do tempo, chegamdo dom Fernando
açima do Canaveall hera assy metido amtre os mouros, e o cavallo
tam camsado, que se parou quedo **sẽ all poder fazer** de sy.
(CDPM:649,473-477)

Outra característica verificada na construção dos minimizadores é o facto de poderem ser reforçados, mais precisamente com a palavra negativa *nenhum*. Esta segunda marca negativa pode ocorrer tanto em posição pré-nominal como pós-nominal, sendo que dos 51 casos encontrados, 23 em Fernão Lopes e 28 em Zurara, em 45 deles verifica-se a ocorrência pré-nominal como em (55) e (56), o que claramente marca uma preferência dos cronistas,

- (55) O cavalleiro foi d'esto mui triste, e
nom disse nenhũa cousa aaquell que lhe esta rreposta deu;
(CDF:151,54-55)
- (56) Porẽ aquelles bõs capitães cõ allgũs que se
estremaram amtre os outros cristãos salltarão em hũa fusta
dos mouros e ãxullarã-na toda, que **nõ ficou nenhũ homẽ** vivo
sobre cuberta.
(CDPM:577,1090-1093)

Dos 6 casos em que se verifica o reforço pós-nominal, exemplificado em (57) e (58), 2 ocorrem em Fernão Lopes e 4 em Zurara,

- (57) e estavom aas portas certos homẽes
com suas armas que **nom leixavom entrar pessoa nenhũa**
dentro que conhecida nom fosse,
(CDF:101,8-10)
- (58) E vierã sobre a çidade, e os da atallaya
matarão delles tres, e os beesteiros ferirão çimco. E **nõ fezerom**
hiu cousa nenhũa, somente amdarã fazemdo suas allgazaras e
dapnarão allgũ pão que ally estava.
(CDPM:599,444-447)

³⁸ Cf. também (CDPM:456,327-330), (CDPM:530,1071-1077), (CDPM:256,168-177).

De referir ainda é o facto de, em posição pós-nominal, cada cronista recorrer ao indefinido positivo *algum*, como marca de reforço negativo, apenas por uma vez. Os exemplos (59) e (60) disso dão testemunho.

(59) El-rrei avia d'esto grande queixume, e depois que ouve feitas estas vodas que dissemos mandou dizer ao conde que vehesse todavia pera rreecer sua esposa, se nom que o deserdaria de todo e leixaria em seu testamento maldiçom ao iffante seu filho se nunca lhe perdoasse **nem lhe desse cousa algũa** d'as que lhe el avia tomadas.
(CDF:336,38-43)

(60) E emtão temtarã a porta e ouverã maneira como foy aberta, e desy êtrarão pella casa muyto maravilhados, porque nella **não viram cousa allgũa**, caa somente acharão hũa pouca de palha e hũ allquyçe velho em que se emburylhara allgũas noytes amtes que partysse.
(CDPM:251,63-68)

No entanto, nem todos os minimizadores podem ocorrer reforçados pela palavra negativa *nenhum*, como é o caso de *all* e *uma fala*. Por oposição aos minimizadores (ou melhor, à maioria deles), as palavras negativas não podem, em geral, ser reforçadas (exceptua-se o caso de *jamais nunca*, comentado na secção 2.2).

Uma outra característica que é possível descortinar na construção dos minimizadores é o facto de alguns deles co-ocorrerem obrigatoriamente com certos verbos, enquanto as palavras negativas não apresentam restrições quanto aos predicados verbais. Por exemplo, o minimizador *grande nem pequeno*, aparece sempre com 'perdoar'. Outros parecem ocorrer preferencialmente com um determinado verbo como é o caso de *all*, que das 13 ocorrências, 8 são com o verbo 'fazer' e de *parte*, que das 12 ocorrências, 10 são com o verbo 'saber'. Outros ainda parecem estar ligados a determinados tipos de verbos, nomeadamente os declarativos ('falar' e 'dizer'), como é o caso dos minimizadores *uma fala* e *palavra*. Quanto ao minimizador *cousa*, sem dúvida que é o mais utilizado e nas mais diversas situações. Das 57 vezes que o registei, ele co-ocorre com 30 verbos, apesar de se verificar alguma preferência pelo verbo 'fazer', 12 vezes, e 'achar', 9 vezes.

5. Conclusão

Durante esta análise, não das formas de negação, tema muito vasto que não cabia no âmbito desta investigação, mas sim de algumas dessas formas de negar, sobretudo a utilização de minimizadores, procurei mostrar como os nossos cronistas recorriam a palavras, e por vezes expressões, que não tendo carga negativa, ao serem aplicadas em contextos negativos ganhavam essa nova qualidade.

As conclusões a tirar desta análise são várias. Por um lado verifica-se uma utilização pelos dois cronistas de alguns minimizadores, digamos clássicos, em maior número, como é o caso de *cousa, homem e pessoa*. Por outro, que dos minimizadores encontrados, a maioria é comuns aos dois historiadores, não se verificando grande desvio daquilo que estaria instituído.

Verifica-se também que a posição pós-verbal é a mais utilizada na construção dos minimizadores. Uma outra preferência se nota ainda em relação ao reforço negativo dos minimizadores: a opção dos cronistas vai claramente para a posição pré-nominal. Mas se são só alguns minimizadores que podem ser reforçados, o mesmo já não acontece com as palavras negativas, pois não admitem este tipo de reforço. Porém, se esta é uma limitação à sua construção, o mesmo não se pode dizer relativamente à aceitação dos predicados verbais, distinguindo-se também aqui dos minimizadores.

Quanto aos indefinidos positivos, mais precisamente a *algum* em posição pré-nominal, ele revela-se claramente como um minimizador, uma vez que têm a obrigatoriedade de co-ocorrência com um marcador negativo ou palavra negativa de forma a poderem exprimir a negação.

Uma última conclusão é ainda possível. É a de que Zurara, pelos exemplos encontrados, recorre muito mais a este tipo de construção do que Fernão Lopes, o que de certa forma vem consolidar a ideia de que a língua é cada vez mais trabalhada, preparando claramente o caminho para um Renascimento que se avizinha. Esta preocupação estilística de Zurara, contraposta ao estilo mais linear de Lopes, torna-o, por vezes, mais difícil de ler, e mesmo de interpretar.

Referências

- ALI, Manuel Said (1971) *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Edições Melhoramentos.
- BOSQUE, Ignacio (1980) *Sobre la Negación*. Madrid: Cátedra.
- BOSQUE, Ignacio e DEMONTE, Violeta (orgs.) (1999) *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. 3 vols. Madrid: Espasa.
- CANO, Rafael (coord.) (2004) *Historia de la Lengua Española*. Madrid: Ariel.
- CARDEIRA, Esperança M^a (2005) *Entre o Português Antigo e o Português Clássico*. Lisboa: IN-CM.
- CASTRO, Ivo (1991) *Curso de História da Língua Portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta.
- CASTRO, Ivo (2006) *Introdução à História do Português*. Lisboa: Edições Colibri.
- Crónica Geral de Espanha de 1344* (1983-1984). Edição crítica do texto português por Luís Filipe Lindley Cintra. Lisboa: IN-CM.
- Crónica Troiana* (1985). Edição de Ramón Lorenzo. A Coruña: Fundación Pedro Barrié de la Maza.
- DIAS, A. E. da Silva (1970) *Sintaxe Histórica Portuguesa*. Lisboa: Clássica Editora.
- FERREIRA, Margarita Maria Correia (1992) O comportamento prefixal de *NÃO*. In *Actas do XIX Colóquio Internacional de Lingüística e Filología Románicas*. A Coruña, Universidade de Santiago de Compostela, pp. 347-356.
- Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2002-2003). Lisboa: Círculo de Leitores.

- HOEKSEMA, Jacob (2001) Rapid change among expletive polarity items. *Historical Linguistics 1999*, vol. 215, pp. 175-186.
- HORN, Laurence R. (1989). *A Natural History of Negation*. Chicago: The University of Chicago Press.
- HUBER, Joseph (1986) *Gramática do Português Antigo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- LLORENS, Eduardo L. (1929) *La negación en el español antiguo com referencia a otros idiomas*. Madrid: José Molina.
- LOPES, Fernão (2004) *Crónica de D. Fernando*. Edição crítica, apresentação e índices de Giuliano Macchi. Lisboa: IN-CM.
- MARTINS, Ana Maria (2000). "Polarity Items in Romance: Underspecification and Lexical Change". Susan Pintzuk, George Tsoulas e Anthony Warner, eds. *Diachronic Syntax: Models and Mechanisms*. Oxford & New York: Oxford University Press. 191-219.
- MARTINS, Ana Maria (2002) Mudança sintáctica e História da Língua Portuguesa. In *História da Língua e História da Gramática: Actas do Encontro*. Braga: Universidade do Minho – Centro de Estudos Humanísticos, pp. 251-297.
- MARTINS, Ana Maria (2003). *História da Língua Portuguesa. Relatório da cadeira apresentado a concurso para Professor Associado do 2º Grupo A (Linguística Geral e Românica) da Faculdade de Letras de Lisboa*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- MATEUS, M. H. Mira, et al. (2003) *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- MATOS, Gabriela (1998) Negação frásica e concordância negativa em Português Europeu. In *Actas do XIV Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Aveiro: Colibri & Associação Portuguesa de Linguística, pp. 197-218.
- NUNES, José Joaquim (1975) *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa: Fonética e Morfologia*. Lisboa: Clássica Editora.
- PÁDUA, Maria Piedade Canaes de (1960) *A Ordem das Palavras no Português Arcaico*. Coimbra: Instituto de Estudos Românicos.
- PERES, João Andrade (1994) Concordância Negativa através de Fronteiras Frásicas. In *Actas do X Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Évora: Colibri & Associação Portuguesa de Linguística, pp. 435-452.
- REIS, Maria Fernanda dos (1948) *A Negação no Português Arcaico e Moderno*. Dissertação de Licenciatura, Universidade de Lisboa.
- SILVA, Rosa Virgínia Mattos e (1989) *Estruturas Trecentistas: Elementos para uma Gramática do Português Arcaico*. Lisboa: IN-CM.
- SILVA, Rosa Virgínia Mattos e (1994) *O Português Arcaico: Morfologia e Sintaxe*. São Paulo: Contexto.
- TAYLOR, Robert (1976) Les Prefixes de Négation *NON-* et *NIENT-* en Ancien Français. In *Actes du XIII^e Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes*, vol. I. Quebec: Les Presses de L'Université Laval, pp. 647-658.
- TEYSSIER, Paul (1982) *História da Língua Portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa.
- VALLDUVÍ, Enric (1994) Polarity Items, N-Words and Minimizers in Catalan and Spanish. *Probus* 6, pp. 263-294.
- ZURARA, Gomes Eanes de (1997) *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses*. Edição e estudo de Maria Teresa Brocardo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian – Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica.